



ENSAIOS EM INTERCULTURALIDADE
O PODER DAS PALAVRAS

Em sua força
poética, xamânica
e tradutória

Vol. 2

MARIA SÍLVIA CINTRA MARTINS



ENSAIOS EM INTERCULTURALIDADE
O PODER DAS PALAVRAS

Em sua força
poética, xamânica
e tradutória

Vol. 2

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martins, Maria Sílvia Cintra

O poder das palavras : em sua força poética, xamânica e tradutória / Maria Sílvia Cintra Martins. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2020. – (*Ensaio em Interculturalidade* ; v. 2)

Bibliografia.

ISBN 978-65-86089-00-4

Antropologia 2. Linguística 3. Literatura indígena 4. Tradução 5. Xamanismo
I. Título. II. Série.

20-34255

CDD-306.44

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Xamanismo : Tradução : Linguística antropológica 306.44

capa e projeto gráfico: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Mercado de Letras

revisão final da autora

bibliotecária: Cibele Maria Dias – CRB-8/9427

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 0

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....7

PRIMEIRAS PALAVRAS 15

capítulo 1

A TRADUÇÃO COMO PROCEDIMENTO POÉTICO
OU MITOPOÉTICO DE REPETIÇÃO 25

capítulo 2

KUWAI E OS MISTÉRIOS DOS XAMÃS:
CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE
O UNIVERSO BANIWA 57

capítulo 3

UM TRABALHO ESPECULAR, OU JOGO DE
ESPELHOS ENTRE OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS
E ANTROPOLÓGICOS..... 107

REFERÊNCIAS..... 145

INTRODUÇÃO

O trabalho que apresento, cuja sistematização e aprofundamento deu-se como resultado de estágio de pós-doutoramento junto à FFLCH/USP, no segundo semestre de 2018, obteve suas primeiras elaborações teóricas a partir de Estágio no Exterior (Fapesp 2015/24353-5), momento em que me debrucei de forma criteriosa sobre a vasta obra do linguista, poeta e tradutor francês Henri Meschonnic. Já os desdobramentos que passou a apresentar posteriormente, com articulações em torno da poética indígena, teve seus contornos iniciais muito antes, em expedição científica ao Alto Rio Negro, no ano de 2010, com base em outro projeto (Fapesp 2009/13871-4). Dessa forma, pode-se dizer que o que trago a público é resultado de pesquisa de base teórica e etnográfica de cerca de dez anos, dentro do esforço do estabelecimento de diálogo entre as áreas de pesquisa em Linguística/ Estudos de Tradução e Antropologia.

Vale notar o percurso marcadamente não linear da pesquisa que efetuo, sem que decorra de uma decisão prévia, ao contrário. Apesar de seguidas tentativas de sistematização mais convencional, esta vem sendo a forma com que meu tipo de raciocínio, às vezes mais, às vezes menos intuitivo me conduz. É dessa maneira que certas questões se exaurem momentaneamente, e sou levada a outras, para depois retornar às anteriores, em percurso muitas vezes exaustivo, mas, de toda forma, fértil e promissor.

Foi assim que, muitas vezes, se tornou difícil para mim, em função de meu perfil, ter claros de antemão os objetivos que visava, os quais, frequentemente, se deixavam esclarecer em momento posterior, e não previamente, como seria de se esperar em pesquisas acadêmicas. Certamente, pude en-

contrar, também posteriormente, respaldo consistente para que pudesse, em minhas diversas publicações, por exemplo, me fazer ouvir e entender. Havia, afinal, um Espinosa, a falar da interligação entre os âmbitos intelectual e emotivo; a Escola de Vigotski, a dizer que a aprendizagem pode preceder o desenvolvimento; escritores eminentes, como Edgar Allan Poe, a mostrar desconfiança com relação aos hábitos corriqueiros de investigação; entre os antropólogos, Jonathan Hill, por exemplo, que apontava para a necessidade de se considerar o sensível como parte integrante do inteligível; e, claro, Viveiros de Castro, em sua retomada de Lévi-Strauss e de Deleuze e Guattari, em sua defesa de uma metafísica canibal portadora dos mesmos direitos de acesso à verdade, e em suas ponderações sobre o outro do outro, de resto nada convencionais e um tanto distantes da lógica mais corriqueira.

Sendo assim, se é fato que nem sempre parti de pressupostos como esses para embasar minha investigação e dar andamento a ela (ao menos não de forma pontual), o conhecimento a seu respeito pôde fazer com que adquirisse respaldo – mesmo que posteriormente – e não me sentisse sozinha. Também foi dentro desse contexto, e a partir dele, que lidar com diferentes vertentes teóricas foi se tornando, por um lado, cada vez mais familiar, por outro, progressivamente promissor. Afinal, todos conhecemos a exaustão teórica e epistemológica em que nos encontramos, a qual, por si só, exige o recurso às mais diferentes vertentes conceituais e experimentais.

De toda forma, em 2016, eram reflexões em torno da “Lavoura Arcaica”, de Raduan Nassar, que me levaram a compor o esboço de um livro de que, depois, desisti em parte. Era como linguista, poetisa e tradutora que me debruçava sobre o romance de Nassar, e não como estudiosa da literatura. Com esse intuito, aprofundi-me na obra de Henri Meschonnic; posteriormente, impulsionada por certas temáticas que me haviam instigado na obra do filósofo francês de ascendência judaica Emmanuel Levinas. Desse momento de pesquisa, resultaram dois artigos, publicados nos anos de 2017 e 2018, e um livro, no qual busco aproximações entre Levinas e Nassar (Martins 2020).

Antes disso, entretanto, no ano de 2012, condensei e traduzi o artigo “Mythscapes and their meanings in the NW Amazon”, de autoria do antropólogo estadunidense Robin Wright, cuja obra vim a conhecer, em parte, quando da expedição que coordenei ao Alto Rio Negro no ano de 2010. Questões presentes nesse artigo, assim como na tese de Xavier Leal (2008),

à qual Wright faz menção, ficaram aguardando sua retomada em momento posterior. O artigo de Wright foi publicado como capítulo em Martins (2013). Logo depois, Wright me enviou de presente o volume “Mysteries of the Jaguar Shamans of the Northwest Amazon”, também de 2013, e ao qual só me dediquei cinco anos mais tarde.

A forma nem sempre sistemática com que apresento as ideias a seguir não decorre, entretanto, desta minha maneira caótica de pesquisar e refletir sobre o mundo, já que, alhures, tenho sempre tratado de me comportar mais de acordo com as normas acadêmicas, e com sua racionalidade lógica e linear, à qual posso me adaptar, se necessário. É hora, no entanto, assim me parece, de apresentar, a propósito, esta outra face, mais condizente, de resto, com a força e com o poder das palavras de que, finalmente, parece-me chegada a hora de tratar.

Nesta obra busco, de toda forma, fazer confluírem caminhos: aqueles que me levaram aos Estudos de Tradução, à Tradução Literária e às obras de Henri Meschonnic, em particular, com aqueles em que tenho me movimentado em torno de questões que dizem respeito à cultura e à literatura de indígenas. Ainda: com aqueles de teor filosófico, com que me ocupo com frequência, e que me levam a refletir sobre o que é a linguagem, o que é o poema, ou em que sentido a tradução – e a linguagem – envolvem, de forma criativa, a repetição.

Por isso tudo, é digno de nota o reconhecimento de Cesarino (2011) de uma dupla lacuna – para cuja superação também busco contribuir – que resultaria, por um lado, da pouca atenção dedicada por etnólogos às poéticas e regimes discursivos amazônicos, por outro, da falta de diálogo dos estudos literários com a etnologia e as poéticas indígenas. Lembro, ainda, da problemática levantada por Roman Jakobson (1970), há cinquenta anos, a qual aponta para mais uma lacuna a ser superada, aquela entre os estudos linguísticos e os estudos literários. Neste caso, é na relevância atribuída por Henri Meschonnic ao componente poético, como constituinte do cerne da linguagem, que me fundamento, encontrando, de toda maneira, na poética e no xamanismo amazônicos elementos que contribuem para sua confirmação. Ao aproximar e comparar fenômenos advindos de realidades sócio-político-culturais diferenciadas, estou ciente da afirmação de Sahlins (2003, p. 170), de que “(...) *as condições materiais, se indispensáveis, são potencialmente*

‘objetivas’ e ‘necessárias’ de muitas maneiras diferentes, de acordo com a seleção cultural pelas quais elas se tornam ‘forças’ efetivas”.

Busco, assim, em parte, com este volume, acrescentar elementos ao que já vem sendo construído por diversos pesquisadores, entre eles Risério (1993), Medeiros (2002), Sá (2012) e Cesarino (2011; 2013), com vistas à valorização das textualidades indígenas; entendo, por isso, meu trabalho como complementar ao deles. Busco, também, no diálogo com as textualidades indígenas, entender e dar a entender, com mais profundidade, categorias presentes na obra de Henri Meschonnic, como ritmo, oralidade, subjetividade e historicidade, que considero fundamentais para a virada necessária nos estudos linguísticos, em sua aproximação dos estudos literários. Trata-se, nesse caso, em meu entender, de procedimento especular de viés antropofágico, na medida em que não trago o teórico para aplicar a uma realidade nossa; em vez disso, trato de pô-lo em diálogo com essa realidade, de tal forma que ambos se elucidem mutuamente. Nesse âmbito, encontra-se a definição do estatuto da repetição como parte integrante do quefazer poético, algo que não foi explicitado pelo linguista francês – embora possamos derivar de suas linhas; algo que, ainda, me parece em estado de latência e digno de ser explorado em mais profundidade nos campos de pesquisa de Linguística, Literatura e Estudos de Tradução – e que encontramos na forma de alusões em Campos (2011).

Um terceiro objetivo, que não estava presente de início, adquiriu contornos cada vez mais nítidos no decorrer da pesquisa, qual seja, o desejo do aprofundamento na obra do etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg, que passou a exercer sobre mim aquele encantamento primordial para que toda pesquisa se torne cada vez mais necessária, cativante, apaixonante.

Há, ainda, como parte dos resultados a serem alcançados, a busca na colaboração com o objetivo traçado por Robin Wright, de que a entidade solar Kuwai, pertencente a complexo religioso-cultural do povo baniwa, no Noroeste amazônico, possa vir a ser reconhecida pela ONU, assim como se deu com as tradições de Jurupari, no ano de 2010. Minha colaboração, nesse caso, dá-se pelo fato de contribuir para a maior divulgação, entre nós, desse complexo cultural.

Com visada inter e transdisciplinar, espero, assim, trazer contribuições de relevo para as áreas de pesquisa em Linguística, Estudos de Tradu-

ção e Estudos Literários, que sejam de proveito para os estudos em Antropologia e para a pesquisa em torno das artes verbais ameríndias.

Cabe-me reconhecer e agradecer os diversos apoios FAPESP de que desfrutei nos últimos dez anos, incluindo-se a Bolsa de Pesquisa no Exterior, graças aos quais pude efetuar duas expedições a São Gabriel da Cachoeira (AM); pude desfrutar da permanência em Manaus, onde, junto à equipe de Janet Chernela, tive a oportunidade de participar de uma primeira experiência em equipe interdisciplinar voltada à tradução e organização de narrativas indígenas; pude dar andamento à pesquisa em seus contínuos desdobramentos.

Agradeço de forma especial a Robin Wright, que leu e opinou sobre a versão final deste trabalho, ao qual agora foram acrescentadas diversas sugestões suas que forneceram mais precisão a aspectos que, como linguista, eu não dominava de forma suficiente.

São Carlos, fevereiro de 2020

Construir uma metafísica com base na língua falada significa fazer com que a língua nos transmita algo que normalmente não transmite. Isso implica usá-la de um modo novo e excepcional, atribuir-lhe seu potencial pleno de choque físico, fraturá-la e distribuí-la ativamente no espaço, tratando as inflexões de um modo completamente tangível e restaurando seu poder de estilbaçamento, de modo a realmente manifestar alguma coisa; voltar-nos contra a língua em suas fontes de base utilitária, podemos até dizer alimentícia, contra suas origens como uma fera perseguida, e finalmente considerar a língua na forma de Encantamento.

(Antonin Artaud 1932)

Que belo livro poderia ser escrito sobre as “antes extáticas” da poesia épica e do lirismo, sobre a pré-história do espetáculo dramático e, em geral, sobre os mundos fabulosos descobertos, explorados e descritos pelos antigos xamãs...

(Mírcea Eliáde 2002[1951])

PRIMEIRAS PALAVRAS

Gosto de escrever, como gosto de pensar sobre o que as palavras são, sobre o que elas poderiam ser, sobre o que somos graças às palavras, e o que somos, também, sem elas, pois não somos, afinal, apenas seres de palavras.

Com as palavras nos subjetivamos – e o ser humano pode sê-lo, sem se subjetivar? Subjetivamo-nos, também, por meio de outras linguagens, que nem sempre se traduzem em palavras. Nesse sentido, a convicção de que a linguagem verbal seria o eixo tradutor ou interpretante das outras linguagens é verdadeira só até certo ponto, ou melhor: nem sempre as linguagens se traduzem em palavras. Artistas como o saxofonista norueguês Jan Garbarek confirmam esse postulado, ao afirmar que o essencial seria aquilo que não pode ser posto em palavras – podendo, no entanto, se materializar na linguagem musical.

Subjetivar-se é pôr-se frente a um outro; subjetivar-se seria outrar-se. Noto que essas duas proposições têm sentido diferente: seja como significação, seja como direção, porém, o certo é que ambas se complementam. Se digo que subjetivar-se é pôr-se frente a um outro, estou afirmando algo que já vem sendo dito ad nauseam via Bakhtin ou Buber. Se digo que subjetivar-se é outrar-se, também não há nisso novidade, porém não tantas vezes retomada: eu é um outro, “je est un autre”, como nos disse Rimbaud.

A forma de abordagem de cunho sociológico ou sócio discursivo dessa questão - como retomada das palavras alheias, ou alinhamento a determinadas esferas discursivas - parece preservar, ao menos em parte (e

mesmo que se dirija a um sujeito assujeitado), a ideia de sujeito como entidade imanente que passaria a aderir ao que lhe seria de outro (s). Não é este o caminho que tentarei percorrer aqui, dentro de uma abordagem que põe em contato questões de linguagem pertencentes à área de investigação da Linguística com questões xamânicas que nos advêm da área de investigação da Antropologia.

Se pegarmos o termo metafísica em seu sentido mais corrente, também teria que dizer que não se trata de abordagem metafísica, pois a forma com que esse termo é corriqueiramente traduzido remete, seja a uma entidade transcendente e idealizada, seja a uma entidade imanente, no sentido de que a essência, de que essa metafísica se ocuparia ou procuraria dar conta, residiria no ser. O Sujeito de que trataremos hospeda-se no ser, sem lhe ser imanente.

Toda linguagem só é possível como processo de subjetivação, que necessariamente envolve passividade e hospitalidade – sem deixar de envolver agentividade e tomada de poder. Por isso mesmo, a linguagem é duplamente representativa. Embora possa, também, simplesmente apresentar.

Já sabemos, no mínimo desde Chomsky, que aprender a falar não se resume a aprender palavras e mais palavras, pois, segundo o eminente linguista estadunidense, sem certa capacidade inata de linguagem – de teor marcadamente sintagmático – não seria possível a uma criança dominar os rudimentos de uma língua no tempo restrito em que, em termos médios, isso acontece. Aprendemos, também, o quanto as questões contextuais pesam nessa aprendizagem, assim como certas regras implícitas ou tácitas, que não são de teor nem lexical, nem sintagmático. Pouco se tem falado, no entanto, da forma com que aprender qualquer língua, quer em sua modalidade oral, quer na escrita, envolve a entrada em complexo jogo de papéis, i.e., em complexo processo de subjetivação. Embora, mais recentemente, eu não tenha me voltado aos processos de aquisição de linguagem, algumas de minhas publicações dirigem-se a essa questão, e ao dirigir-me a ela busco ressaltar o quanto o jogo do faz de conta da representação de papéis sociais lhe é inerente (Martins 2003a, 2003b).

A caminhada aparentemente aleatória por diferentes áreas de pesquisa e com o olhar voltado a sujeitos de pesquisa bastante diferenciados (crianças em idade pré-escolar; adultos em fase de alfabetização; indígenas aldeados, assim como indígenas da cidade e graduandos indígenas; crianças

que frequentam a APAE) indicia a busca de um desconhecido cujos rastros se deixam revelar. Em algum sentido, ou em vários, a caracterização planetariamente subalterna de nosso país propicia a revelação desses indícios. Seja um exemplo o fato de Michael Tucker, em seu interessantíssimo “Dreaming with open eyes”, de 1992, falar dos xamãs como de entes de um passado longínquo – enquanto pude ter o privilégio de conversar com um deles há poucos anos na região norte de nosso país. Podemos, por isso mesmo, pensar sobre o diálogo que aqui proponho como em algo que nos diz respeito muito de perto.

Temos muitos privilégios – não só de pesquisa – dos quais não nos damos conta suficientemente; talvez, até, esse alheamento faça parte dos complexos processos de subjetivação e de outração. De alienação? Em certo sentido, sim, mas não pela lente marxista ortodoxa, pois, como veremos adiante, o tempo hodierno requer de nós pensarmos, ainda, no alheamento dos corpos e das palavras, para além do entendimento que tivemos, no passado, a respeito dos aparelhos ideológicos do Estado; e ainda um pouco além da microfísica do poder no que esta tange aos corpos e às formações ideológicas, e não propriamente às palavras e a sua forma de funcionamento.

Na forma com que as palavras, em seu funcionamento, nos propiciam poder e aprisionamento, pois nada é homogêneo, nem dicotômico. Tudo se decide no âmbito e no percurso do indecível. E, conforme aprendemos, no lance de dados, jamais se eliminará o acaso. Somos ativos porque somos passivos; somos livres porque somos presos. Ou não.

Paradoxalmente, não há liberdade sem sujeição, e Levinas (2017) mostrou-nos bem esse quase que enrosco em que nos encontramos, como seres humanos. Muito difícil engolir esse paradoxo, particularmente porque nossa mente já está excessivamente formatada à moda dicotômica. De toda maneira, não me parece que teria havido algum príncipe legislador, ou somente isso, e que somos as vítimas indefesas desse aprisionamento. Há algo, talvez, que eu chamaria de “condição humana” - sem com isso querer remeter a algum demiurgo malvado, ou a algo intangível. Tampouco à dupla Sócrates/Platão, que não poderiam, reles humanos, ter, por si sós, esse poder que atravessaria séculos.

Algo se diferencia e se repete, permanentemente. Algo na linha do que Derrida denominou a luta interminável entre Apolo e Dioniso. E que

também propicia para que o começo e a origem se façam e se refaçam, permanentemente.

Por isso mesmo, a origem está no funcionamento, e por isso mesmo a tradução já se encontra no processamento da linguagem, em sua base, como condição *sine qua non* para que possam se dar traduções, seja a intralinguística, a interlinguística ou a intersemiótica.

Nossa capacidade inata talvez não seja propriamente aquela inerente aos encadeamentos sintagmáticos, mas, sim, a que deriva da propensão ao diálogo e à tradução, no que ambos envolvem os procedimentos de equivalência e de diferenciação. Não se trataria de um sentimento de carência, mas apenas da certeza do pertencimento a um todo. Com ou sem palavras. O eu nos vem necessariamente de fora, como outro que se torna eu, o outro que hospedamos: de preferência, temporariamente, mesmo porque são muitos os outros a quem podemos dar o lugar de eu. O xamã sabe bem disso, e os indígenas aprendem a cultivar o multiperspectivismo.

Muitos artistas, xamanicamente, sabem disso. Fernando Pessoa, com quem temos o privilégio de compartilhar a língua, sabia muito bem disso.

Henri Meschonnic (1989[2006]) compara a histeria, que se manifesta no corpo, com certa vibração, atividade ou energia que se manifestaria na linguagem: o poder das palavras manifestado na linguagem (tanto na modalidade oral, quanto na escrita) como uma carga pulsional máxima; enquanto a histeria comportaria uma forma de descarga pulsional. A histeria colocaria a linguagem no corpo, fazendo-o mimetizá-la; a oralidade colocaria o corpo na linguagem, a demonstrar que algo do corpo se torna fundamental para que haja potência na linguagem.

Se relacionarmos, agora, as duas questões, a do corpo e a da subjetivação, estaremos, não diante de uma dicotomia – como a que envolveria significante e significado, ou matéria e espírito –, mas de uma simbiose. O outro se faz eu, e é neste corpo que a linguagem se faz potência. Porque a simbiose se apresenta tão plena, torna-se, mesmo, difícil desentranhar o sujeito da potência da linguagem do sujeito da enunciação, ou do sujeito da psicanálise, ou da filosofia. E é neste sentido, aliás, que este sujeito de que tratamos é mais plenamente antropológico.

Entendo que também faz parte da luta infundável entre Apolo e Dioniso - que podemos, na linha de Andrade (1928), fazer ressoar como a luta

constante, contínua e reincidente entre Totem e Tabu – a caracterização que aponto aqui, das narrativas indígenas desprovidas de sua potência de linguagem, porque desenredadas de seu diálogo com os cantos xamânicos, com os quais formariam, em princípio, um potente complexo discursivo.

Somos constantemente chamados para a separação, para a categorização, para as taxonomias. Talvez um estudante de Linguística não veja interesse no estudo que apresento, porque trata de questões indígenas, que, segundo seu entendimento, estariam fora de seu foco de estudo. Ainda: quando se interessam por questões indígenas, isso se dá no âmbito das investigações em torno de aspectos lexicais ou morfossintáticos, que, conforme se entende, nada teriam a ver com o xamanismo. Distanciamos-nos, progressivamente, do que sejam a linguagem e as línguas, da possibilidade real de seu desvelamento, graças às especializações, e às tendências analíticas e descritivistas. Nossa própria linguagem se especializa e se despotencializa – com nosso aval.

Propor um jogo de espelhos entre o que nos chega de pesquisas de campo na área da Antropologia - particularmente no que concerne às práticas xamânicas e às narrativas míticas – e questões ainda mal resolvidas no âmbito dos estudos linguísticos e literários – assim como sua necessária imbricação – é o que busco fazer aqui. Se na área de investigação linguística predominam as tendências, ora analítica, compartimentada e descritivista, ora sociológica (com pendor mecanicista), na área dos estudos literários ainda vemos, quer tendência sociológica semelhante (de cunho mecanicista), quer a antiga sacralização do literário e do literato.

Nada disso pode nos interessar, quando estamos em busca da potência da linguagem. Talvez o que menos nos interesse, mesmo, seja a compartimentação entre o linguístico e o literário, e a sacralização deste. Também não pode ser frutífera, interessante ou humanizadora a tendência contemporânea, no meio acadêmico, ao cultivo (e culto) da escrita acadêmica, desvencilhada de eventuais vícios de outras formas de escrita. E, principalmente, desvencilhada de marcas de oralidade e de subjetividade. Até mesmo o estudante de Letras é conduzido – e deixa-se conduzir – nessa direção.

O mundo não se resume à academia, nem à mídia, nem aos palcos sociais. Nas ruas as linguagens se misturam, e a poesia se faz, mesmo sem reconhecimento. Há algo a que os artistas dão destaque, seja nas artes plásticas, literárias, musicais, fazendo com que se cumpra o papel da arte -

como diria o pianista Keith Jarrett – como sendo aquele de um lembrete ou advertência.

Interessante, de toda maneira, notar a forma com que as Ciências Humanas têm insistido em permanecer impermeáveis a insinuações místicas ou religiosas, quando mesmo nas Exatas temos presenciado a tendência diferente. Dessa forma, um artista como Miró, por exemplo, pode ser estudado e reverenciado na academia, mesmo sem a aderência a sua convicção da necessidade de descobirmos o sentido mágico das coisas, sua essência religiosa, sem a qual corremos o risco de só colaborarmos para a degradação geral já existente. Há uma necessidade de estabelecer limites, barreiras, de compartimentar: os artistas, afinal, seriam meio loucos. Podemos estudá-los, sem trazer para nossa vida exatamente aquilo para o qual estão tentando nos lembrar, nos alertar.

Não é propriamente de estudos inter ou transdisciplinares que precisamos, pois isso também não resolveria muita coisa, caso as disciplinas, em si, continuem a praticar estudos compartimentados, ou a enxergar os fenômenos de forma isolada. Não nos basta olhar para os fenômenos sob diferentes ângulos, caleidoscopicamente. A integração se faz necessária, os elos de interligação, em que as várias partes possam ser vistas como pertencentes a um todo mais abrangente, e só de fato funcionais dentro desse todo, em colaboração com as outras partes.

Com isso quero dizer, também, que toda aprendizagem é vã se não a integramos e trazemos para modificar as nossas vidas, não apenas cerebralmente, guardando componentes e mais componentes em nosso imenso arquivo marcado por compartimentações, a começar por aquela que separa os âmbitos emotivo e intelectual.

Se a função da arte seria a de nos alertar para algo de que não estaríamos nos dando conta, Antonin Artaud nos alerta para uma língua que delira, e que não é apenas uma obra de arte para nossa apreciação. O artista plástico Clifford Still acreditava no poder da arte para resgatar o ser humano de dois mil anos de subjugação a aparatos diversos, dentre os quais destacava o papel das palavras de teor argumentativo: um mundo de palavras que nos dão a sensação do lógico e do razoável, em sua pseudocientificidade.

É assim que, embora destaque, aqui, a necessidade de articular as narrativas míticas indígenas com as práticas xamânicas, de forma a restau-

rar-lhes o sentido e a força da linguagem, isso se dá, apenas, como uma ilustração, dentro de um intuito mais abrangente de chamar a atenção para algo forte e potente que pode habitar a linguagem em geral; de chamar a atenção para as cadeias que nos aprisionam - de cujas portas acabamos por ser feis guardiões.

Por isso tudo, espero que este trabalho venha a ser útil a linguistas e estudiosos das Letras em geral, interessados em algo que transcende as explicações de cunho sociológico (que podem ser interessantes, mas não dão conta de toda a complexidade das línguas e linguagens), como também aquelas de teor analítico e descritivista (que até podem ter algum valor complementar).

Que, apesar de seu teor acadêmico, também interesse a todos os que pressentem que toda a língua e toda a linguagem carregam algo mais do que um estatuto voltado à comunicação em geral; algo mais do que a transmissão ou tradução de pensamentos; ainda: algo mais do que a mobilização circunstancial ou performativa de ações, ou algo mais do que ideologias.

Como aos que pressentem – ou mesmo vivenciam ou presenciam – as diferentes possibilidades de se fazerem de outros através da linguagem, e assim obtêm uma resposta ao menos provisória para a pergunta sempre repetida: quem sou eu?